

O FAMILISMO NAS DIREITAS RADICAIS DO BRASIL E DA ALEMANHA: ANÁLISE A PARTIR DE NARRATIVAS DE JOVENS ATIVISTAS

FAMILISM WITHIN RADICAL RIGHT IN BRAZIL AND GERMANY: ANALYSIS FROM THE YOUNG ACTIVISTS' NARRATIVES

EL FAMILISMO EN LAS DERECHAS RADICALES DE BRASIL E ALEMANHA: ANÁLISIS A PARTIR DE LAS NARRATIVAS DE JÓVENES ACTIVISTAS

Beatriz Besen¹

Resumo

A partir de dados empíricos de um estudo comparado sobre o ativismo juvenil nas Direitas Radicais do Brasil e da Alemanha, identificou-se o familismo como base discursiva de agendas transnacionais. O presente artigo apresenta e analisa um conjunto de narrativas de jovens ativistas, investigando sistemas de representação e elencando elementos discursivos das Direitas Radicais que promovem a legitimação do familismo. Explora-se brevemente o cenário de expansão das Direitas Radicais, situando a escolha pelo conceito. Destaca-se a agenda de defesa da família como ponto de encontro das normatividades do conservadorismo social e do neoliberalismo. No caso alemão, identifica-se também o reforço de um familismo étnico-nacionalista, em meio à propagação da teoria da 'grande substituição'. Tal reflexão permite identificar que, por meio da moralização das crises econômicas, representações – biológicas e étnico-raciais – têm sido mobilizadas para posicionar a família como uma 'instituição sob ataque', retratando grupos e movimentos como ameaças iminentes.

Palavras-chave: Familismo. Direitas Radicais. Discursos. Neoconservadorismo.

Abstract

Based on empirical data from a comparative study on youth activism in the Radical Right in Brazil and Germany, familism has been identified as a discursive foundation of transnational agendas. This article presents and analyzes a set of narratives from young activists, investigating systems of representation and listing discursive elements of the Radical Right that promote the legitimation of familism. It briefly explores the scenario of the expansion of the Radical Right, situating the choice of concept. The agenda of family defense is highlighted as a point of convergence between the norms of social conservatism and neoliberalism. In the German case, an ethnic-nationalist familism is also identified, amid the propagation of the 'great replacement' theory. This reflection allows us to identify that, through the moralization of economic crises, representations—biological and ethnic-racial—have been mobilized to position the family as an 'institution under attack,' portraying groups and movements as imminent threats.

Keywords: Familism. Radical Right. Discourses. Neoconservatism.

Resumen

A partir de datos empíricos de un estudio comparado sobre el activismo juvenil en las Derechas Radicales de Brasil y Alemania, se identificó el familismo como base discursiva de agendas transnacionales. El presente artículo presenta y analiza un conjunto de narrativas de jóvenes activistas, investigando sistemas de representación y enumerando elementos discursivos de las Derechas Radicales que promueven la legitimación del familismo. Se explora brevemente el escenario de expansión de las Derechas Radicales, situando la elección del concepto. Se destaca la agenda de defensa de la familia como punto de encuentro de las normatividades del conservadurismo social y del neoliberalismo. En el caso alemán, también se identifica el refuerzo de un familismo étnico-

¹ Pós-Doutoranda no Núcleo de Estudos da Violência. Doutora pelo Programa de Mudança Social e Participação Política da EACH/USP. Mestre em Psicologia Social e Psicóloga pela Universidade de São Paulo, com um segundo mestrado em Estado, Governo e Políticas Públicas pela Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO-BR). E-mail: bia_besen@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6655-0636>.

nacionalista, en medio de la propagación de la teoría de la 'gran sustitución'. Tal reflexión permite identificar que, a través de la moralización de las crisis económicas, se han movilizado representaciones—biológicas y étnico-raciales—para posicionar a la familia como una 'institución bajo ataque', retratando a grupos y movimientos como amenazas inminentes.

Palabras clave: Familismo. Derechas Radicales. Discursos. Neoconservadurismo.

INTRODUÇÃO

Nas sociedades ocidentais, a expansão de atores, movimentos e partidos que atacam a proteção constitucional das minorias, assim como questionam o Estado como regular das desigualdades, tem atraído a atenção das mídias e da academia. Sob diferentes alcunhas, incluindo 'Extrema Direita' (Fernandes; Machado, 2022; Hoeveler, 2020), 'Novas Direitas' (Cepêda, 2018; Gentile, 2018, 2020; Rocha, 2019) e 'Direita Radical Populista' (Mudde, 2014; Betz, 2018), tais grupos têm sido analisados no interior de uma tradição de pesquisa principalmente concentrada nos campos das ciências políticas e sociais (Mayer, 2020). Frente a uma ampla tradição de estudos quantitativos, estudos do ativismo - protagonizados por mulheres pesquisadoras, tais como Anna Krasteva (2017), Cynthia Miller-Idriss (2018), Agnieszka Pasieka (2021, 2022) - representam um novo olhar e sensibilidade para as nuances do fenômeno, por meio da adoção de métodos qualitativos.

Inspirada em tais estudos, foi desenvolvida uma pesquisa comparada dos discursos, trajetórias e sentidos da participação política de jovens nas Direitas Radicais do Brasil e da Alemanha. A partir de um quadro analítico pós-estruturalista (Hall, 1996; 2000; Butler, 2000), tal pesquisa considerou que o engajamento e a identificação com os grupos e movimentos são também sinais da eficácia discursiva das Direitas Radicais. A pesquisa se debruçou nas trajetórias e narrativas dos ativistas políticos nos dois países, buscando identificar processos de subjetivação/identificação (Hall, 2000), assim como processos de interpelação discursiva (Althusser, 1985; Foucault, 1991).

Por meio de entrevistas biográficas focadas na participação política, as narrativas foram codificadas e inseridas no interior de categorias temáticas. Como resultado de tal processo, o familismo emergiu como uma formação discursiva central, a qual fornece base para agendas políticas dos jovens nos dois países. O familismo identificado manifesta-se nas narrativas por meio do destaque à centralidade da família para o desenvolvimento da civilização ocidental. Contudo, uma análise mais abrangente permitiu observar que tais discursos se desdobram em uma imagem normativa da família que ganha consistência a partir dos 'sistemas de representação' (Hall, 1996) reforçados pelas Direitas Radicais dos países.

Com base na articulação dos estudos de Dardot e Laval (2016), Brown (2019), Cooper (2019) e Meiering, Dziri e Foroutan (2020), o presente artigo analisa tais sistemas de representação que fundamentam as formações discursivas acerca da família nas Direitas Radicais do Brasil e da Alemanha. Na primeira seção, aborda-se brevemente o cenário de expansão das Direitas Radicais e situa-se a escolha conceitual frente à tradição latino-americana e europeia de estudos do fenômeno. Na seção seguinte, apresenta-se a metodologia de pesquisa, a qual englobou o desenvolvimento de entrevistas biográficas (Rosenthal, 2004) centradas na participação política, seguidas de uma análise temática das narrativas (Braun; Clarke, 2006).

Assim, adentra-se na apresentação e análise das narrativas dos jovens ativistas, investigando as representações da família. Por meio da articulação à literatura e ao conjunto das entrevistas, explora-se o encontro entre as normatividades neoconservadoras e neoliberais, as quais definem que a família é responsável pela segurança econômica de seus membros, enquanto o Estado deve garantir valores morais que sustentem uma estabilidade para a família nuclear. No caso alemão, analisa-se o ordoliberalismo e sua articulação a um familismo *völkisch* - nacionalista e racial - correlacionado à expansão da teoria da 'grande substituição' (*grand remplacement*). Tais representações ganham consistência em meio às crises econômicas, as quais são exploradas e interpretadas em termos de uma crise moral de gastos. Tais análises permitem compreender que o familismo nas Direitas Radicais baseia-se na construção de representações restritas – baseada em concepções biológicas e étnico-raciais – das famílias, as quais têm sido mobilizadas para posicionar grupos e movimentos de luta pelos direitos das minorias enquanto ameaças iminentes.

AS DIREITAS RADICAIS NO BRASIL E NA ALEMANHA

As 'Novas Direitas' no Brasil atraíram considerável interesse acadêmico e público com a eleição de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil em 2018. Dentro das discussões acadêmicas, estabeleceu-se uma clara divergência entre aqueles que acreditavam visualizar um novo fenômeno (Gentile, 2018; Rocha, 2019) e aqueles que entendiam tratar-se apenas de uma retomada da direita tradicional com novas roupagens (Miguel, 2018; Salles, 2017; Pereira, 2015). Pinheiro-Machado e colegas (2019) dirão que as manifestações de junho de 2013 trouxeram duas grandes novidades para o cenário político brasileiro. Primeiramente, deslocaram o Partido dos Trabalhadores e os movimentos relacionados a sua emergência do

protagonismo da ocupação das ruas. Em segundo lugar e de modo relacionado, representaram uma ‘descoberta’ das ruas pela direita, que passaria a ocupar os espaços que, desde a ditadura, se identificavam como lócus de forças e movimentos progressistas.

Luiz Felipe Miguel (2018, p. 17) aborda o fenômeno como uma reemergência da direita brasileira, destacando a ‘visibilidade e a relevância crescentes de grupos que assumem sem rodeios um discurso conservador ou reacionário’. Segundo o autor, as ‘Novas Direitas’ tem uma convergência pragmática e motivada pela percepção de um inimigo comum. Segundo o pesquisador, consensos que estariam formados desde o fim ditadura militar e o estabelecimento da Constituição de 1988 – tais como a defesa da democracia, o respeito aos direitos humanos e o combate à desigualdade social – teriam sido desestabilizados pelas Novas Direitas.

Camila Rocha (2019), em sua brilhante tese de doutorado, *Mais Mises menos Marx: uma gênese da Nova Direita no Brasil* afirma que a ‘Nova Direita’ consiste em uma amálgama ultraliberal conservadora, cuja origem tem relação com a organização dos ‘contrapúblicos’ (esferas públicas alternativas) nesse período. Ela afirma que nestes anos, houve um encontro e debate – por meio de plataformas como o Orkut e, posteriormente, o Facebook – entre aqueles que se sentiam marginalizados e não representados na esfera pública dominante, os quais passaram a contribuir para a disseminação de escritos e ideias ultraliberais. Sua análise remonta a década de 1980 e a criação de *think tanks* e institutos neoliberais, assim como a expansão das organizações neopentecostais que ganham força nos espaços públicos institucionais desde os governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011).

Acadêmicos do campo de estudos da juventude têm interpretado a expansão das Novas Direitas como uma insurgência de uma geração de jovens conservadores (Weller, Bassalo, 2020; Severo; Weller; Araújo, 2021). Baseados em Mannheim (1982), tais pesquisadores argumentam que, a cada nova geração, os jovens estabelecem novas formas de interpretar e entender o mundo, resultando em uma formação constante de novas conexões e identidades sociais. Tais pesquisas indicam que a visão de mundo compartilhada por essa geração de jovens conservadores combina valores e costumes tradicionalistas com um modelo econômico liberal, como refletido no slogan ‘Liberal na economia, conservador nos costumes’ (Silva, 2021).

Severo, Weller & Araújo (2021) realizaram uma pesquisa em escolas públicas brasileiras de ensino médio para analisar o posicionamento político dos jovens, constatando que a religião é um elemento significativo para esta identificação, em especial a católica e a evangélica. Também destacam a predominância de homens, refletindo um ideal de masculinidade. Por fim, ressaltam a importância da família, considerada como fonte de informação mais confiável entre

os jovens. No conjunto, os estudos brasileiros têm destacado que as Novas Direitas se caracterizam como ultraliberais e autoritárias, remontando traços do passado ditatorial e colonial do país. Além disso, apontam para a importância de uma exploração das relações entre tal posicionamento com os valores familiares e a religião.

Já na Alemanha, assim como na maior parte da Europa, tem sido evidenciada a expansão de partidos e movimentos de extrema-direita (far-right) (Arzheimer; Berning, 2019). Arzheimer (2019), em artigo recente, dedicou-se a discutir as questões conceituais no campo na Europa ocidental. O autor irá dizer que, apesar das diferentes nomenclaturas, o campo de estudos de tal fenômeno tem avançado com um uso mais recorrente do termo 'direita radical' (radical right). O termo ganha repercussão por meio dos trabalhos do holandês Cas Mudde, que diferencia a direita radical ('radical right') da extrema direita, por sua aceitação parcial de princípios democráticos, como a soberania popular e o governo da maioria, embora compartilhe com a segunda, da negação da democracia liberal, especialmente em relação às proteções constitucionais de minorias (étnicas, políticas, religiosas), à separação de poderes e ao Estado de Direito (Mudde, 2016).

No mesmo ano em que as Jornadas de Junho de 2013 aconteciam no Brasil, surgia a Alternativa para a Alemanha (Alternative für Deutschland, AfD). A AfD foi o primeiro partido identificado enquanto parte da 'direita radical' alemã, e do que seria interpretado, no contexto europeu, como uma 'quarta onda' das extremas direitas (Mudde, 2016). O Partido ocupou as manchetes em junho de 2023, diante do bom desempenho nas eleições regionais e da primeira vitória de um político do partido como chefe distrital na Turíngia. O evento está sendo interpretado como um alerta geral sobre o rompimento do *cordon sanitaire*², organizado pelos partidos tradicionais com o objetivo de manter o partido isolado. A AfD emerge como um novo partido fundado por economistas eurocéticos, defendendo o fim dos esforços para salvar o Euro e criticando o multiculturalismo e a promoção de políticas de equidade de gênero (Wahl, 2020).

Os membros da AfD incluem líderes dos Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente (PEGIDA) e do Movimento Identitário, ambos protagonistas de manifestações contra o governo alemão e o que chamam de 'islamização do Ocidente'. O grupo PEGIDA surge em 2014 na cidade de Dresden, na Alemanha, e é a sigla para Europeus Patriotas contra a

² Rieira e Pastor (2022) explicam que duas estratégias têm sido aplicadas no contexto do parlamentarismo europeu para lidar com o que eles denominam partidos populistas. De um lado o 'cordão sanitário' (cordon sanitaire), utilizando de forma constante na Alemanha, diz respeito a uma aliança entre os partidos 'tradicionais', de modo a garantir que os partidos populistas não consigam fazer parte das coalizões. Outra estratégia é conhecida como *tainted coalition*, ou coalisão contaminada, na qual eles convidam esses partidos para a coalizão, considerando que essa formação pode incidir em uma piora do sucesso eleitoral posterior dos partidos e uma 'diluição' da capacidade extremista.

Islamização do Ocidente (em alemão: *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes*), já o Movimento Identitário vem se espalhando por toda a Europa desde 2014, e conta com palestras e encontros também na Alemanha. Åsbrink (2021) analisa que o grupo assume como principal pauta o combate à 'islamização', por meio da defesa de um 'etnopluralismo'. Sob o slogan 'Pátria, Liberdade e Tradição', o movimento apenas admite jovens, colocando como pré-requisitos de filiação ter menos de 30 anos e garantir uma nacionalidade e origem 'verdadeiramente alemã'.

A AfD também criou a Jung Alternative (JA) como um espaço específico para organizações de jovens em diferentes regiões do país. Klikauer (2019) afirma que o discurso contra o politicamente correto é difundido nas redes da JA, acompanhado de termos como 'Honra, lealdade, sangue e pátria'. Kaltwasser e Taggart (2022) afirmam que, durante a pandemia, outros movimentos de direita surgiram, apresentando-se como defensores da liberdade. Eles se juntaram à AfD em manifestações para protestar contra o lockdown e outras medidas restritivas adotadas pelo governo federal alemão. Arzheimer (2015) indica que, na Alemanha Oriental, antiga parte do país socialista, as direitas radicais têm ganhado mais apoiadores. No conjunto, os estudos europeus têm identificado tais movimentos e partidos enquanto populistas (Mudde, 2016) e iliberais (Laruelle, 2022), enfatizando o rompimento com scripts da democracia liberal e seus princípios intrínsecos.

Apesar das diferentes interpretações, o campo de estudos do fenômeno tem se expandido, exigindo, contudo, que os pesquisadores se posicionem quanto à escolha conceitual, a qual reflete também um posicionamento teórico. Apesar do amplo uso da diferenciação construída no contexto europeu em relação às Direitas Radicais e às Extremas Direitas, as invasões – dos três poderes no Brasil, do Capitólio nos Estados Unidos, assim como a ameaça ao Parlamento alemão em 2022 – colocaram em xeque a afirmação sobre a aceitação da soberania popular e do governo da maioria. Nesse sentido, pode-se afirmar que Arzheimer (2019) oferece uma alternativa ao afirmar que tais movimentos e atores apresentam uma relação ambígua com a democracia liberal. Por um lado, há participação em instâncias democráticas e a busca por posições legislativas e executivas; por outro, há um constante rompimento com normativas democráticas, por meio da negação do princípio da igualdade, relacionado à radicalização e crescente legitimação da violência política.

No contexto latino-americano, pesquisadores (Gentile, 2018; Stefanoni, 2021; Díaz, 2021) têm apontado para a existência de direitas 'plurais'. Eles ressaltam a coexistência de uma miríade de identidades políticas, cujo traço principal é a defesa de uma agenda neoliberal e conservadora. Ao considerar tais contribuições da literatura latino-americana e europeia

sobre o tema, opto por usar o termo 'Direitas Radicais' como categoria heurística que engloba atores, grupos, movimentos e partidos que tem produzido o 'tensionamento' da democracia liberal, por meio do ataque à proteção constitucional das minorias (étnicas, religiosas e econômicas), assim como do questionamento do papel do Estado como regulador das desigualdades.

Ao usar 'Direitas Radicais' busco enfatizar, portanto, a questão da pluralidade – afirmada no contexto latino-americano – e adotar a diferenciação com a direita tradicional por meio do adjetivo 'radical' – seguindo a tradição europeia. O uso do plural também envolve a compreensão de tais atores, grupos, movimentos e partidos têm particularidades em regiões do mundo distintas, adquirindo elementos relacionados à conjuntura social e à política nacional, assim como ao passado histórico. Dessa forma, torna-se frutífera a investigação comparada, a qual pode fornecer informações sobre os padrões e particularidades das Direitas Radicais, revelando como um mesmo discurso pode refletir distintos sistemas de representação.

A PESQUISA

A análise desenvolvida no presente artigo baseia-se em dados empíricos de entrevistas biográficas focadas na participação política de jovens nas Direitas Radicais do Brasil e da Alemanha. Tais entrevistas foram conduzidas como parte de um projeto de pesquisa desenvolvido entre outubro de 2021 e janeiro de 2023. Tal projeto teve como objetivo comparar os discursos, identidades e trajetórias dos jovens ativistas no Brasil e na Alemanha, a fim de contextualizar sua participação em relação a diferentes regimes de bem-estar e diferentes culturas políticas.

As entrevistas biográficas são um tipo específico de entrevista narrativa, geralmente composta por três etapas (Rosenthal, 2004). Primeiro, uma pergunta bastante aberta estimula o entrevistado a descrever sua trajetória biográfica livremente. Na fase inicial da entrevista, o entrevistador tem a tarefa de manter o fluxo narrativo sem fazer intervenções substanciais. Na segunda etapa - o período de questionamento - o entrevistador faz perguntas (imanes) sobre elementos que o entrevistado mencionou. Na etapa final, o entrevistador faz perguntas (exmanente) sobre tópicos que o entrevistado não mencionou, mas que interessam à pesquisa. Neste estudo, as perguntas na etapa final focaram nas percepções políticas e nas trajetórias de engajamento político dos entrevistados, identificando também as principais atividades e pontos de referência.

Um perfil profissional no Instagram foi criado para identificar e seguir movimentos das Direitas Radicais. A pesquisadora observou esses movimentos por vários meses. Primeiro, jovens que se identificavam como ativistas em seus perfis das redes sociais ou que haviam sido marcados em postagens pelos movimentos foram convidados a participar das entrevistas. Em seguida, o método 'bola de neve' foi empregado como uma estratégia reconhecida que permite uma amostragem não probabilística "útil para estudar certos grupos de difícil acesso" (Vinuto, 2014, p. 203). Isso conduziu a uma amostra de jovens com idades entre 18 e 32 anos.

Os dois anos dedicados a explorar as redes ajudaram a criar um relacionamento e um senso de proximidade, mantendo o princípio de "abertura" durante as entrevistas (Damhuis; Jonge, 2022). Dezesesseis entrevistas foram conduzidas e doze foram selecionadas para análise; envolvendo sete jovens ativistas brasileiros e cinco alemães. Obteve-se assim uma variedade de movimentos, regiões nacionais e gêneros. Inicialmente, entrevistas presenciais estavam planejadas. No entanto, devido à pandemia de Covid-19, às distâncias regionais e questões de segurança, elas foram transferidas para entrevistas online por meio de videochamadas. Isso implicou limitações, como a impossibilidade de análise de informações não verbais, preocupações éticas de confidencialidade (Germani et al., 2022) e dificuldades em estabelecer um relacionamento inicial entre entrevistador e entrevistado. No entanto, a duração média das entrevistas, de uma hora e meia, e a qualidade das narrativas geradas indicam que a abertura foi alcançada, permitindo que os entrevistados expressassem suas visões e experiências.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa do Brasil (Número do parecer: 5.472.555), e os participantes foram solicitados a revisar e assinar um termo de consentimento informado, que foi enviado por e-mail antes das entrevistas. Todos os participantes assinaram o formulário confirmando que haviam sido informados sobre o objetivo geral da pesquisa, os métodos e a garantia de proteção e anonimização dos dados. Todos os nomes e lugares foram alterados nos arquivos de transcrição, assim como no presente artigo.

Foi realizado um processo de codificação aberto e fechado como parte da metodologia da análise temática das narrativas (Braun; Clarke, 2006). Este método de pesquisa qualitativa é utilizado frequentemente na Psicologia para analisar e interpretar o significado e os padrões dentro de um determinado discurso ou texto. No contexto da pesquisa, os dados passaram por uma análise com o uso do Software NVivo. O processo de análise temática teve início ainda na coleta de dados, com a identificação de padrões recorrentes, e envolveu uma interação constante entre os dados, o processo de codificação e a escrita do relatório de análise.

Foi adotada uma perspectiva crítica na construção das categorias. Cannella e Lincoln (2015) descrevem as perspectivas críticas como aquelas que reconhecem o poder e buscam em suas análises encanar a arqueologia de perspectivas tomadas por verdade, para entender como as condições sociais injustas e opressivas vieram a ser reificadas como 'dados históricos' (p. 244). As metodologias críticas avançam a capacidade de desconstruir a 'arqueologia do conhecimento' e identificar como o discurso humano está ligado às construções sociais e grandes narrativas. Quando se olha para um conjunto de discursos, uma cadeia intertextual é formada. Foucault (1971) descreveu as cadeias intertextuais argumentando que todo o conhecimento é formado a partir de uma 'rede de referências' que deve ser desvendada e quebrada (Lawless; Chen, 2019). A análise temática, portanto, foi propícia para a integração de uma perspectiva crítica, na qual o conjunto de categorias refletiu tanto as formações discursivas, quanto os sistemas de representação (ou 'redes de referência') relacionados. No interior dessa investigação, uma categoria identificada foi o 'familismo', o qual será explorado nas próximas seções.

O FAMILISMO

O familismo foi definido e discutido ainda em 1962 por Rogers e Sebald (1962), como uma subordinação dos interesses do indivíduo àqueles do grupo familiar nuclear. Sabogal e colegas (1987)³, nesse sentido, definiram o familismo como uma forte identificação e apego dos indivíduos as suas famílias, desenvolvendo sentimentos de lealdade, reciprocidade e solidariedade entre os membros. No meio da sociologia, entendia-se o familismo seria uma faceta do altruísmo social. Contudo, com a exploração das estruturas de poder e das hierarquias de gênero na família nuclear - principalmente oriundos das teorias feministas – tal relação passou a ser questionada. Browning (2003) fala na emergência de um familismo crítico, o qual tem buscado evidenciar os teores normativos das teorias e discursos sobre a família e o casamento, os quais tem como intenção prover à cultura e à sociedade seus ideais e estratégias práticas para a formação das famílias. Os desdobramentos de tal leitura crítica é a possibilidade de refletir sobre as condições de emergência das normatividades acerca da família.

³ Uma revisão do uso do conceito indica que, no passado, ele foi especialmente utilizado no contexto da análise de hispânicos imigrantes nos Estados Unidos, enfatizando que o lugar da família e das obrigações familiares seria distinto e definido por questões culturais. No contexto da pesquisa mencionada, a investigação de imigrantes de diferentes países hispânicos, revelaria que o familismo é uma característica central da cultura hispânica, permanecendo mesmo diante de processos denominados como 'aculturação'. Outra linha de estudos emerge pela exploração do familismo no contexto do Welfare State, ou seja, o familismo entendido como uma hipervalorização das funções familiares para onde se transfeririam responsabilidades do Estado (Moraes et al., 2020).

No caso da pesquisa, identificou-se que, tanto nas entrevistas com jovens ativistas na Alemanha quanto no Brasil, o tema da necessidade de manutenção e de recuperação da centralidade da família na sociedade se mostrou presente. Destaca-se aqui que a valorização dos laços afetivos familiares não é questionada pelo presente artigo. Entende-se que os jovens possam expressar apego às relações familiares, assim como afirmarem a centralidade da família em suas vidas. Coloca-se em questão o teor normativo do familismo, ressaltando que, no caso dos entrevistados, foram identificadas configurações familiares diversas, havendo, nas biografias, uma recorrência da apresentação de ausência e negligência paterna⁴. Diante dessa diversidade de configurações, questiona-se, portanto, quais são as possíveis interpelações discursivas que possibilitaram a formação das representações de 'família' evidenciadas nas narrativas.

Para iniciar tal reflexão, são exploradas narrativas em que a família foi diretamente mencionada. Já nas seções seguintes, serão abordadas análises que buscam elencar potenciais interpelações discursivas que dariam consistência às 'representações' de família apresentadas, dando destaque à presença de particularidades dos países. Essa segunda parte da análise é sustentada não apenas pelas narrativas que mencionam diretamente a família, mas pela articulação entre a literatura e a análise crítica e temática do conjunto das doze entrevistas.

O FAMILISMO NO INTERIOR DAS NARRATIVAS

Nas seguintes narrativas, a família foi diretamente mencionada, possibilitando uma análise das representações relacionadas. No caso de Núria (19 anos, Brasil), a família é posicionada como natural à humanidade

O que eu prezo, é isso. Que a nossa cultura, de tão miscigenada que é ela, ela seja perpetuada, as coisas positivas. E quanto a questão da família? Sim, **a família natural é o que eu prego. Mas claro, em questão dos gays, lésbicas, se quiser compor família, beleza. Isso não tem problema algum, porque é algo deles.** Eu vou respeitar as pessoas, que que as pessoas elas são. Ou seja, como disse antes, o caráter delas. **Se elas quiserem, por exemplo, criar uma família, um seio familiar.** Pessoalmente, eu não vejo problema, o que eu só não acho correto, correta, por exemplo. Assim, **algumas pessoas dos movimentos LGBT queiram é destruir esse sentimento de família, que é algo, que é algo da humanidade, é uma característica da gente ter o seio de família natural.** (Núria, 19 anos, Brasil)

⁴ Foi comum, no passado, uma tradição de pesquisa que buscava relacionar tais configurações familiares como marcas de propensão para comportamentos desviantes (Markovits; Ryan, 2016). No caso da presente pesquisa, não se suporta tal visão, propondo pensar nas condições de eficácia discursiva da defesa da família, frente a existência de tal diversidade de configurações familiares.

Observa-se também a ideia de que a família está ‘sob ataque’, ou seja, que há uma intencionalidade de movimentos LGBT (entende-se que ela se refere aos movimentos LGBTQIA+) ao que denomina como um ‘sentimento de família’, formação que seria inata.

No caso de Aline, a família é apresentada como o pilar da sociedade, no entanto, a ideia de retorno ao passado – associada diretamente à identidade conservadora – é evidenciada.

Conservadora é defender a moral, a família, porque a família é a base da sociedade. Foi mostrado na história, que a família sempre estava como base na sociedade, sempre houve uma construção familiar que serviu como base para todo tipo de pessoa, influência, país, né? Os próprios reinos são feitos de famílias. Então, a família é defendida pelo conservadorismo. Conservadorismo não é a favor que não se mude as coisas ruins, pelo contrário, a gente quer conservar o que é bom e reformar o que é ruim. A gente não quer revolucionar, né? A gente acha que não adianta a gente quebrar a casa do chão. A gente tem que quebrar a casa do telhado e se o problema tá no telhado, a gente tem que reformar o telhado, não tem que demolir a casa toda. Então, a gente acha que tem que conservar as coisas boas, como a família. (Aline, 20 anos, Brasil)

Já Nissin (23 anos, Alemanha) associa o seu interesse em política com um processo de estudos sobre família e casamento, por meio do qual são evidenciadas representações cristalizadas de gênero, definindo tanto características tratadas como inatas, quanto formas de constituir um relacionamento entre uma mulher e um homem. O jovem expressa – em outros momentos da entrevista – o desejo de formar uma família nuclear, objetivo que estaria mais próximo graças ao seu envolvimento com o partido que se alinha as suas atuais representações sobre família:

Li muita literatura sobre namoro, sobre dinâmica social, sobre como homens e mulheres são diferentes quando se trata apenas da vida. Uma coisa de que me lembro é essa literatura. A literatura diz isso. As mulheres são medidas pela aparência, e os homens são medidos pelo sucesso. E esse foi um dos principais momentos em que percebi: "É, nunca pensei nisso". E isso realmente mudou muito minha visão sobre a vida e como é a dinâmica entre homens e mulheres. (...) Na verdade, eu diria que é a família e, sim, tudo relacionado à família, ao casamento, e eu sei muito sobre esse tópico desde que comecei a me aperfeiçoar. Comecei o autoaperfeiçoamento e li muita literatura sobre, como mencionei, namoro e casamento. E conheço muitas estatísticas sobre isso. Acho que isso também mudou minha visão política.

Por fim, Moritz (23 anos, Alemanha) faz menção aos valores tradicionais, posicionando a família como importante para a civilização. O jovem vai além, analisando que a ausência de uma família nuclear – ou seja, a existência de mães solteiras – aumenta ‘os riscos’ da criminalidade. O jovem também apresenta o argumento de que o governo não deve interferir na criação dos filhos – enfatizando que essa deve acontecer por um casal.

Significa. Sim. Obter valores tradicionais. Significa. Então, para mim, pessoalmente,

significa que a família é importante para a civilização, para a sociedade. Que as crianças precisam ter ambos os pais, porque, por exemplo, mães solteiras às vezes podem ser um problema, pois há estatísticas que dizem que as pessoas. Quando, por exemplo, se trata de criminosos e há estatísticas, estatísticas que, por exemplo, eu não... não sei se é um número correto, mas, por exemplo, 70% de todos os criminosos foram criados em lares de mães solteiras. E, por exemplo, isso é importante. É importante que as crianças recebam ambos os pais. E também acho que o governo não deve interferir. Com os pais que criam seus filhos. (Moritz, 23 anos, Alemanha).

Conforme visto, a articulação do tema no interior das narrativas não é semelhante, ganhando enquadres particulares nas narrativas dos jovens ativistas. Contudo, identifica-se que a maioria dos entrevistados apresenta argumentos para destacar uma ‘centralidade da família’ na sociedade. Quando avançamos para as representações relacionadas à família, encontramos tentativas de estabilização de papéis de gênero, assim como a referência a uma ‘natureza humana’ que se organizaria por meio do casamento e da constituição da família nuclear. Ou seja, destaca-se a representação de uma natureza inata dos seres humanos ou um ‘estado original’ da civilização, cujo centro de organização é a família. Em alguns casos, a necessidade de ‘defesa da família’ baseia-se em seu posicionamento enquanto ‘instituição sob ataque’, a qual tem sido ameaçada e desestabilizada por movimentos de luta pelos direitos das minorias.

O ENCONTRO ENTRE O NEOCONSERVADORISMO E O NEOLIBERALISMO

Considerando tais representações e a contundência do tema ‘família’ no interior das narrativas dos jovens’, indico a possibilidade – baseada no trabalho de Pierre Dardot e Christian Laval (2016), da socióloga Melinda Cooper (2017) e da filósofa Wendy Brown⁵ (2019) – de explorar o entrelaçamento entre as normatividades neoliberais e conservadoras sociais, processo interpretado por Silvio de Almeida (2018), como uma virada hegemônica neoconservadora. Melinda Cooper (2017) afirma que, por muito tempo, a história cultural (genealogia) do neoliberalismo foi contada sem levar em conta o papel da família, a qual foi isolada de uma perspectiva crítica e muitas vezes interpretada – inclusive no interior da esquerda – como um ‘sinal’ de laços sociais firmes e duradouros.

Cooper (2017) oferece uma leitura do período de 1960 a 1980 nos Estados Unidos, destacando que Gary Becker, expoente da Escola de Chicago, ao construir seu Tratado sobre

⁵ É importante destacar que a obra de Wendy Brown vive uma virada desde o livro de 2015, *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution*, no qual ela centralizou que o neoliberalismo tinha o primado da transferência da economia para todas as relações sociais. Por essa razão, ela via uma incompatibilidade das normatividades conservadoras e neoliberais. No novo livro de 2019, *In the ruins of neoliberalism: The rise of antidemocratic politics in the West* ela legitima esse entrelaçamento como um projeto ‘moral’ que visa proteger hierarquias tradicionais por meio da anulação do conceito de sociedade e de política como baseadas no ‘bem comum’.

a Família, ainda em 1981, já afirmava que ‘a família no mundo ocidental foi radicalmente alterada, alguns afirmam que quase foi destruída, pelos acontecimentos das últimas três décadas’ (p.1). A pesquisadora interpreta que há um colapso da família fordista – já nos anos 1960 – a qual funcionava como um mecanismo fundamental na normalização de gênero e das relações sexuais, assim como um centro da organização do trabalho, raça e classe.

Por meio de sua obra e de Wendy Brown (2019) é possível compreender como o feminismo e os movimentos de liberação dos anos 1960 – em sua busca por maior igualdade de gênero e pela redefinição dos papéis tradicionais na família – foram fatores que contribuíram para a flexibilização das relações de trabalho e a desconstrução de uma estrutura familiar padrão. O livro de Cooper propõe uma inversão fundamental, na qual essas mudanças não são mais vistas como produto e sim como causas das transformações neoliberais. Dessa forma, enfatiza-se que as normatividades neoliberais emergem enquanto resposta adaptativa e acomodatória a tal desestabilização.

Já nas décadas de 1970 e 1980, com um cenário econômico de inflação alta e um ambiente de incerteza e insegurança para muitas famílias americanas, os economistas neoliberais, como Milton Friedman e Gary Becker, passaram a argumentar que a inflação estava corroendo os valores familiares e a estrutura tradicional da família; centralmente, tais figuras diziam que a inflação estava minando a capacidade da família de cumprir seu papel central na sociedade como uma instituição de estabilidade e segurança econômica. Tal discurso já estabelecia a família privada como a primeira linha de defesa contra a incerteza econômica, afirmando que a segurança financeira deveria ser buscada dentro do âmbito familiar, ao invés de depender exclusivamente do Estado de Bem-Estar Social.

Nesse contexto, os conservadores sociais teriam encontrado um terreno comum com os neoliberais, já que interpretaram a crise como um declínio da moralidade pública e privada refletida centralmente no seio familiar. A convergência entre os dois grupos políticos fortaleceu a constituição de uma ‘agenda moral da família’, colocando-a como um tema central de diversas campanhas políticas que se espalharam pelas sociedades ocidentais. Dessa forma, Cooper permite entender que, apesar de não se basear em virtudes transcendentais, a lógica neoliberal admite ‘uma ética imanente de virtude, bem como uma ordem natural de valores familiares, concebida como emergindo automaticamente dos mecanismos do livre mercado’ (p. 57). Portanto, no interior do ‘regime de verdade’ neoconservador constitui-se a ideia de que, se a família é responsável pela segurança econômica de seus membros, logo o Estado deveria garantir valores morais que sustentassem uma estabilidade para a família nuclear.

Netto, Cavalcante e Chaguri (2019) analisam que a junção entre o neoliberalismo e o conservadorismo resulta em uma oposição à noção de solidariedade social que tem como promotor o Estado. Ou seja, um dos argumentos será que agora a solidariedade social se daria a conhecer pelas relações familiares, que são interpretadas como baseadas no ‘amor ou dever’. A releitura de Cooper acompanha tal interpretação e corrobora para o deslocamento do indivíduo como centro do neoconservadorismo, posicionando a família como cerne das agendas políticas neoconservadoras. Passa-se a interpretar que tal conjunção opera como normatividade relacionada à exigência de autossuficiência do indivíduo para com a família – sendo muitas vezes a responsabilidade moral focada na capacidade do indivíduo de ‘formar e prover’ para uma família.

A MORALIZAÇÃO DAS CRISES

Cooper (2017) analisou também a emergência e centralidade de uma ‘crise moral da inflação’ no contexto americano, a qual fortaleceu e solidificou a aliança neoconservadora no discurso público. Tal interpretação pode ser estendida para o contexto brasileiro⁶. No caso do Brasil, podemos observar o fortalecimento de uma agenda moral da família, frente a momentos que foram interpretados enquanto ‘crises’. Assim, destaca-se a ‘crise’ em torno do segundo governo de Dilma Rousseff, que eminentemente foi lida como uma ‘crise de gastos’, e conduzida rapidamente para o governo petista.

A moralização da crise no Brasil envolveu tanto a questão do ataque ao Bolsa Família, que foi interpretado como um ‘gasto excessivo’. Semelhante ao caso americano com o Programa de Auxílio à Família com Dependentes (AFDC), o Bolsa Família contemplava famílias compostas apenas por mulheres, beneficiando, amplamente, famílias pobres e afrodescendentes. Ou seja, o programa também promovia a sobrevivência diante de

⁶ Cooper (2017) ainda discutirá como, no interior de tal crise, um programa que tinha o nome de Auxílio às Famílias com Dependentes (AFDC)- e que tem semelhanças intensas com o que veio a ser o Bolsa Família no contexto brasileiro- ganhou destaque central nos debates econômicos sobre a inflação dos anos 1970. A pesquisadora se perguntou o que explicaria o foco obsessivo dos neoliberais e dos neoconservadores em um programa tão marginal e que envolvia gastos mínimos do orçamento federal. Ela dirá que o AFDC foi construído como uma encarnação moral da inflação, ao representar um programa de bem-estar para populações pobres que não contribuíam para fundos de pensão (ao contrário dos programas de seguro social destinados a famílias estáveis que pagavam impostos). Na época em que os neoliberais e neoconservadores transformaram a inflação em uma ‘crise política’, o programa AFDC tinha mais mães afro-americanas do que mulheres brancas, além de muitas mães divorciadas ou nunca casadas. Rapidamente, ele se tornou o símbolo de ‘uma crise geral da família americana’ (p. 29). Concebido por neoliberais e neoconservadores como um sintoma da inflação e da desintegração da família tradicional, este programa tornou-se, segundo Cooper, o alicerce da formulação de ‘uma nova filosofia política não distributiva de valores familiares’ (p. 46).

configurações familiares diversas, que nem sempre eram ‘escolhas’, mas refletiam uma realidade de abandono e negligência parental no país (Costa; Marra, 2020). Frente a tal programa lançou-se mão do discurso, presente nas narrativas dos jovens, que essas pessoas queriam o Estado fosse um ‘papai’.

É interessante destacar que, por meio das narrativas dos jovens, identificam-se dois desdobramentos do discurso do Estado como ‘pai’. Por um lado, a construção da crítica às pessoas que esperariam que o ‘pai-Estado’ fosse aquele que fornecesse o sustento, sem o trabalho. Por outro, há também o ‘Estado-pai’, como aquele que busca constituir a lei e a ordem, sem legitimidade. Priscila (32 anos, Brasil) dirá ‘O papai Estado. Ah, o papai estado fez uma lei lá porque tem muito hipertenso, então vamos tirar o sal da mesa. Não! A pessoa tem que ter o direito. Se ela quer, o Estado não pode falar não, você não pode, eu acho... Eu sou muito contra isso, muito contra!’

Não foi localizado nenhum estudo sobre a origem da metáfora, no entanto, entende-se que ela pode remeter à estrutura social patriarcal. Além disso, o uso da metáfora parece especialmente intrincado com o que foi apresentado aqui acerca da ‘família’ e não do ‘indivíduo’ se colocar no centro da estratégia discursiva neoconservadora. Safatle (2021) afirma que a ‘sobreposição entre o corpo social e a estrutura familiar’ envolve uma fantasia de que a família seria um núcleo de relações ‘hierárquicas naturalizadas, não problemáticas, de autoridade baseada no amor e na devoção.’ (p. 22). Nesse espaço, lugares de autoridade e submissão seriam lugares naturais, dessa forma, o ‘pai’ de família, que não deve ser substituído pelo Estado, ganha legitimidade para agir como produtor da lei e do controle, baseado no amor e no dever.

Conjuntamente ao ataque ao Bolsa-Família, durante a crise do governo da ex-presidente Dilma Roussef, emergiu também a discussão acerca do ataque à família tradicional, com a polêmica da mamadeira de piroca e a suposta distribuição do ‘kitgay’⁷.

Em Nuria (19 anos, Brasil), encontramos uma menção direta:

Mas ele (Bolsonaro) estava falando que estava sendo distribuído um kit gay nas escolas, falando que estava ensinando educação sexual de maneira errada e ele não estava errado nisso. Porque uma criança de 6 e 8 anos, ela não vai saber se ela quer ser gay ou lésbica, sabe? **Tipo assim, igual que ele disse, eu deixo o homossexual, ser homossexual.** De a pessoa ser isso e aquilo. O problema é que você não pode influenciar uma pessoa a ser uma coisa que ela não tem noção ainda. Por exemplo, quando eu tinha 7, 8 anos, eu não sabia se eu queria saber se eu queria ser homossexual ou hétera? Eu só queria saber de brincar de Barbie, então o que ele falou o seguinte, **‘é muito novo de falar sobre sexualidade com as crianças, porque**

⁷A polêmica da mamadeira de piroca tem início com o material distribuído ainda na presidência de Dilma Roussef no projeto de combate à homofobia. O material foi atacado e atribuiu-se, já por meio da figura de Jair Bolsonaro, o nome de kit gay. A fake new relacionada era de que mamadeiras com bico de borracha em formato de pênis foram distribuídas em creches para combater a homofobia (Coelho; Dias; Maranhão, 2018).

é uma coisa assim que elas não têm noção'. Os pais deveriam explicar? Deveria. Só que muitas vezes, devido à falta de estrutura das famílias, eles já delegam isso para o Estado.

Frente à crise, Nuria posiciona as famílias como desestruturadas, no entanto, enfatiza que não é papel do Estado exercer as funções de educar.

O FAMILISMO VÖLKISCH

No caso alemão, temos dois momentos que são interpretados como crises, a 'crise dos refugiados' ainda em 2015 e a 'crise do gás' deflagrada após o início da Guerra russa com a Ucrânia. Moritz (23 anos, Alemanha) dirá que:

A guerra entre a Ucrânia e a Rússia e também a crise energética. E também tópicos importantes são a queda de. Ah! Acho que também há um tipo **de queda na sociedade em geral, porque talvez você possa ver que as pessoas mais jovens estão ficando mais burras e mais degeneradas.** (...) E é por isso que as pessoas em outros países dizem: "Ah, a Alemanha é um país tão rico" e assim por diante. (...) Mas temos **esse Estado.** Espero que você entenda o que eu quero dizer.

Conforme vemos, a crise imediatamente conduz Moritz a mencionar uma 'degeneração da sociedade'. Em seguida, vemos a menção ao Estado que deveria ser rico, mas destina mal os seus recursos. Diante de ambas as crises mencionadas, identifica-se a difusão do discurso acerca de um 'um excesso de gastos', o qual estaria prejudicando as famílias alemãs. Diferentemente do caso brasileiro, os jovens não mencionam uma redução do Estado, convocando o 'Estado de Bem-Estar Social' como responsável por criar e implementar as políticas que irão 'solucionar as crises' por meio de um redirecionamento de tais gastos às 'famílias originais', apresentadas como 'o povo' ou a população legítima.

Para a compreensão dessa particularidade é fundamental, primeiramente, endereçar o ordoliberalismo alemão que é apresentado por Foucault (2008) como a saída europeia neoliberal e se distingue, principalmente, por não ser contrário à existência do Estado, mas vê-lo como produtor do quadro jurídico que garante a livre concorrência no mercado (Dardot e Laval, 2016). Havertz (2019) dirá que as direitas populistas alemãs adotam o ordoliberalismo para perpetuar um autoritarismo, prescrevendo uma estrutura regulatória para a economia centrada na criação de uma ordem competitiva com o objetivo de produzir e justificar diferenças sociais. Assim, as Direitas Radicais propõem uma conexão entre o sistema de diferenciação econômica com sistemas de diferenciação de nação, raça, religião e cultura. Nesse sistema, a justificação das crises econômicas, mesmo a atual crise do gás, é remetida à

questão da imigração. Vemos em Simon (22 anos, Alemanha) uma clara referência aos imigrantes enquanto ‘ameaça’:

Todos nós queremos este país. Basicamente, o salvamos de... de... de... Das pessoas. Que estão nos levando a uma crise energética causada por nós. De... Eu não quero usar a palavra, especialmente de uma inundação de pessoas culturalmente estranhas (einer Überflutung von kulturfremden Menschen), onde somos levados a acreditar que eles poderiam resolver nossa escassez de trabalhadores qualificados, quando eles próprios não podem facilmente escrever e falar sua própria língua.

O jovem declara que seu grupo político quer salvar o país de pessoas que são classificadas como ‘estranhos culturais’, em uma clara referência a um sistema de diferenciação étnico e religioso. Meiring, Dziri e Foroutan (2020) mencionam que o ‘familismo’ nas Direitas Radicais alemãs é também oriundo de um discurso *völkisch* (nacionalista racial), o qual defende a família alemã frente a uma gradual ‘eliminação’ da suposta população branca cristã europeia ‘original’ por meio da imigração. Tal discurso ganha reforço com a expansão da teoria da ‘grande substituição’. Leconte (2019) aponta que o ‘*grand remplacement*’ foi uma teoria cunhada pelo escritor francês Renaud Camus e que foi integrada no interior das redes partidárias da Alternativa para a Alemanha (AfD). Ela explica que o partido, ainda em 2017, inicia uma campanha baseada em ‘impedir a substituição da população (Bevölkerung) devido à política migratória atual’.

É importante mencionar que, no contexto alemão, o termo *Volk* e *Bevölkerung*, que se traduzem respectivamente como povo e população, remetem ao passado nacional-socialista, sendo evitados por diversos grupos políticos. Os desenvolvimentos acerca da ideia de ‘povo alemão’ (Deutsche Volk) são atribuídos a diferentes teóricos. Um nome bastante mencionado é Erich Keyser, historiador e etnólogo que definiu o *Volk* (povo) como ‘uma vida comunitária historicamente desenvolvida por pessoas que, devido à sua descendência familiar, formam uma comunidade de sangue e uma comunidade funcional, diferenciando-se de outros povos’ (1935, p. 3). Keyser ficou conhecido pela colaboração com o Nacional Socialismo, desenvolvendo pesquisas que reforçavam as ideias acerca da existência uma etnologia alemã, a qual foi explorada pelas pesquisas de raça (*Rassenforschung*). Keyser entendia que a composição do povo tinha relação com a região habitada pela população (*Bevölkesraum*). Sua abordagem estabelecia um ‘núcleo’ racial-biológico do povo alemão frente a identificação de elementos ‘estrangeiros’ em seu corpo étnico (*Volkskörper*) (Pinwinkler, 2004).

Santos (2018) explica que o Nacional-Socialismo, baseado em tais teorias, lança mão do discurso acerca da necessidade de expansão e preservação do *Volk*, que seria uma ‘entidade orgânica’ a qual deve ‘ser assegurada através de qualquer meio’ (p. 41). Por essa relação com

o passado nazista, os conceitos de ‘Volk’, ‘Rasse’, ‘Raum’ e ‘Bevölkerung’ foram evitados por diversos anos no discurso público alemão. A virada acontece com a ascensão das Direitas Radicais na última década, que recuperam o conceito⁸, por meio de uma teoria semelhante, mas centralizada no conceito de ‘cultura’. No etnopluralismo – que se posiciona como alternativa ao multiculturalismo – entende-se que povos ‘pertencem’ a regiões específicas do planeta, devendo ali permanecer. Assim, observamos que Simon (22 anos, Alemanha) quando comenta sobre as ‘crises’ na Alemanha, dirá que:

No entanto, não fazemos nada disso, **porque nosso Estado gasta dinheiro em todo o mundo, mas não tem nada para a própria população (die eigene Bevölkerung)**. Isso está causando um extremo descontentamento. Especialmente porque nos é recomendado que tomemos banhos frios ou usemos apenas um pano para nos limpar, para economizar energia. E assim, isso não pode continuar. É terrível. Essas não são perspectivas futuras, porque este ano não será o último ano em que teremos escassez.

Nesse caso, fica evidente que o termo articulado ao argumento, reitera um sentido de população ‘limitado’, definido pelo *Bevölkerung* e conectado ao discurso *völkisch*, o qual define que a própria população é composta apenas pelas famílias puramente alemãs. Adicionalmente, observamos que os imigrantes são entendidos como culturalmente estranhos e incapazes de prover à Alemanha trabalho qualificado, o qual deve ser alcançado pelo investimento nas ‘famílias originais’. Dessa forma, o discurso *völkisch* opera enquanto um instrumento biopolítico cuja função é regular o povo de acordo com uma concepção biológico-nacional ou racial da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente artigo, buscou-se analisar e elencar elementos discursivos relacionados aos sistemas de representação mobilizados pelas Direitas Radicais para legitimar o familismo. Ao analisar, primeiramente, as narrativas relacionadas ao tema ‘família’, foram identificadas referências a uma natureza inata dos seres humanos ou um ‘estado original’ da civilização, cujo centro de organização seria a família nuclear, espaço no qual os papéis de gênero se cristalizariam. Por meio da retomada de uma genealogia do discurso neoconservador e neoliberal, interpretou-se que a centralidade da família nas Direitas Radicais pode ter ganhado eficácia diante do encontro entre tais normatividades. A família é protegida porque deve ser o espaço de transferência de responsabilidades do Estado; conseqüentemente, o Estado passa a ter como função a garantia de uma ‘ordem moral’ que

⁸ O lema do grupo PEGIDA, é ‘Wir sind das Volk’ (Nós somos o povo). Essa é uma referência a teorias raciais acerca da composição do povo, dentro de um movimento cuja principal bandeira é a luta contra a islamização do Ocidente (Volk, 2020).

promova a construção de famílias nucleares tradicionais. Tal compreensão exige uma inversão, na qual o neoliberalismo passa a ser entendido enquanto resposta à desestabilização operada pelos movimentos de luta pelos direitos das minorias, os quais propõe e apoiam novas estruturas familiares, reconfigurando as relações de poder e de gênero vigentes.

Dessa forma, podemos considerar que momentos classificados como ‘crise’, são também reações a tais desestabilizações. A moralização das crises foi apresentada enquanto um instrumento fundamental para o reforço do familismo por parte das Direitas Radicais. No caso brasileiro, diante da ‘crise de inflação’ do governo da ex-presidente Dilma Rousseff, emerge o episódio do kit gay, além do ataque ao Bolsa Família. Como uma estratégia discursiva, fala-se que o Estado não pode atuar como ‘pai’, já que não é ele quem pode dar as ordens e nem prover sustento para aqueles que não trabalham. No caso alemão, as crises fortalecem os projetos políticos de ‘salvar’, ‘proteger’ e ‘priorizar’ o povo alemão. Destacou-se a incorporação da teoria da ‘grande substituição’ (*great replacement*), que tem como base a recuperação de um discurso *völkisch* (nacionalista racial), o qual defende a família alemã frente a uma gradual ‘eliminação’ da suposta população branca cristã europeia ‘original’ (Meiering, Dziri e Foroutan, 2020). Considerando tal análise, é possível afirmar que o familismo nas Direitas Radicais não se baseia apenas em uma centralidade da família, mas a uma representação restrita – baseada em concepções biológicas e étnico-raciais – das famílias.

Nesse sentido, é importante destacar que os movimentos e partidos das Direitas Radicais têm investido em integrar-se aos processos democráticos e alterá-los ‘por dentro’. Tais grupos, em sua posição – seja de contrapúblico, como Rocha (2019) identificou ou como um contramovimento, como os próprios entrevistados apresentaram – tem conseguido conformar discursivamente a esfera pública, posicionando as esquerdas e os movimentos de luta por direitos das minorias como ‘inimigos da família’. Diante de tal cenário, torna-se fundamental seguir ampliando e fortalecendo as análises críticas acerca da família, as quais podem reconhecer sua importância, mas destacar seu caráter normativo e potencial de manutenção de relações de opressão. Tais análises se beneficiam de abordagens qualitativas e comparadas, as quais colaboram para a construção de uma agenda de resistência democrática transnacional. Como parte de tal agenda, centraliza-se a revelação das falácias dos sistemas de representação que sustentam a existência de um estado natural da humanidade – caracterizado pela família heterossexual nuclear – ao qual deveríamos retornar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio de. Neoconservadorismo e liberalismo. In Solano, Esther (Ed.). **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARZHEIMER, Kai; BERNING, Carl C. How the Alternative for Germany (AfD) and their voters veered to the radical right, 2013–2017. **Electoral Studies**, v. 60, p. 102040, 2019.

ARZHEIMER, Kai. Conceptual Confusion is Not Always a Bad Thing – The Curious Case of European Radical Right Studies. In: MARKER, K.; SCHMITT, A.; SIRSCH, J. (Eds.). **Demokratie und Entscheidung**. Wiesbaden: Springer VS, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-658-24529-0_3

ARZHEIMER, Kai. The AfD: Finally a successful right-wing populist Eurosceptic party for Germany?. **West European Politics**, v. 38, n. 3, p. 535-556, 2015.

ÅSBRINK, Elisabeth. When Race Was Removed from Racism: Per Engdahl, the Networks that Saved Fascism and the Making of the Concept of Ethnopluralism. **Journal of the History of Ideas**, v. 82, n. 1, p. 133-151, 2021.

BECKER, Gary. **Treatise on the Family**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

BERTOIA, Fernando Casak; BOURNE, Angela. Prescribing democracy? Party proscription and party system stability in Germany, Spain and Turkey. **European Journal of Political Research**, v. 56, n. 2, p. 440-465, 2017.

BETZ, H. G. **Radical right-wing populism in Western Europe**. Macmillan, 1994.

BETZ, Hans-Georg. The radical right and populism. In: RYDGREN, Jens (Ed.). **The Oxford Handbook of the Radical Right**. New York: Oxford University Press, 2018. p. 86-104.

BRAUN, Virginia, & CLARKE, Victoria. 'Using Thematic Analysis in Psychology.' **Qualitative Research in Psychology**, v.3, n. 2, p. 77–101, 2006.

BROWN, Wendy. **In the Ruins of Neoliberalism: The Rise of Antidemocratic Politics in the West**. Nova York: Columbia University Press, 2019.

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution**. New York: Zone Books, 2015.

BROWNING, Don. Critical Familism, Civil Society, and the Law. **Hofstra Law Review**, v. 32, n. 1, p. 12, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes Louro (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CAMPANI, Giovanna (Eds.). **Understanding the Populist Shift: Othering in a Europe in Crisis**. New York: Routledge, 2017. p. 150–178.

CANNELLA, Gaile; LINCOLN, Yvonna. Deploying Qualitative Methods for Critical Social Purposes. Em Canella, Gaile et al. (Eds.). **Critical qualitative inquiry: Foundations and futures**, v. 53, n. 72, p. 243-264, 2015.

- CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 2, p. 40-74, 2018.
- COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela; MARANHÃO, F. Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”. **Revista Eletrônica Correlatio. São Paulo**, v. 17, n. 02, p. 67-99, 2018.
- COOPER, Melinda. **Family Values: Between Neoliberalism and the new Social Conservatism**. Boston: MIT Press, 2017.
- COSTA, Florença Ávila de Oliveira; MARRA, Marlene Magnabosco. Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 21, n. 1, p. 141-156, 2013.
- DAMHUIS, Koen; DE JONGE, Léonie. Going nativist. How to interview the radical right?. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 21, p. 16094069221077761, 2022.
- DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A nova razão de mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DÍAZ, Belén. **“Make (Neo-)Liberalism Cool Again”**. Rear-View Mirrors, Creative Destruction and Right-Wing Youth Political Culture in Brazil. 45º Encontro Anual da ANPOCS, 2021.
- FERNANDES, Victor José Alves e MACHADO, Daniel Spotorno Moreira. Discurso popular-democrático e o sujeito de negação bolsonarista. **Revista de Ciências Sociais: RCS**, v. 53, n. 1, p. 23-56, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- FOUCAULT, Michel. *El sujeto y el poder*. Bogotá: Carpe Diem, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. In *Curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GENTILE, Fabio. A direita brasileira em perspectiva histórica. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 25, n. 1, p. 92-110, 2018.
- GENTILE, Fabio. Uma direita ‘plural’: configurações ideológicas e organizações políticas da direita brasileira contemporânea. In: FARIA, F. G.; MARQUES, M. L. B. (Org.). **Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador**. Sobral-CE: Editora SertãoCult, 2020. p. 222-240.
- GERMANI, Ana Claudia et al. Narrativas: o que aprendemos sobre métodos online durante a pandemia?. **New Trends in Qualitative Research**, v. 10, p. e526-e526, 2022.
- HALL, Stuart. Quem Precisa de Identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HALL, Stuart. The West and the rest: discourse and power. In: HALL, S. et al. (Orgs.). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 60, 1996.
- HOEVELER, Rejane Carolina. A reorganização da extrema direita latino-americana no ascenso bolsonarista: fóruns e redes organizativas. In: FARIA, Fabiano Godinho; MARQUES, Mauro

Luiz Barbosa (Org.). **Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador**. Sobral-CE: Editora SertãoCult, 2020, p. 71-89.

KALTWASSER, Cristóbal Rovira; TAGGART, Paul. The populist radical right and the pandemic. **Government and Opposition**, p. 1-21, 2022.

KEYSER, Erich. Rassenforschung und Geschichtsforschung. **Archiv für Bevölkerungswissenschaft und Bevölkerungspolitik**, 5, 1935.

KLIKAUER, Thomas. German neo-nazis and a new Party. **Jewish Political Studies Review**, v. 30, n. 1/2, p. 243-252, 2019

KRASTEVA, Anna. Re/De/constructing far-right youth. Em LAZARIDIS, Gabriella; CAMPANI, G. (Eds.), **Understanding the Populist Shift: Othering in a Europe in Crisis**. New York: Routledge.

LARUELLE, M. Illiberalism: A conceptual introduction. **East European Politics**, v. 38, n. 2, p. 303-327, 2022.

LAWLESS, Brandi; CHEN, Yea-Wen. Developing a method of critical thematic analysis for qualitative communication inquiry. **Howard Journal of Communications**, v. 30, n. 1, p. 92-106, 2019.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações**. São Paulo: Ática, 1982.

MAYER, Nonna. Political science approaches to the far right. In: ASHE, Stephen et al. **Researching the far right: Theory, Method and practice**. Londres: Routledge, Taylor & Francis Group, 2020.

MEIERING, David; DZIRI, Aziz; FOROUTAN, Naika. Connecting Structures: Resistance, Heroic Masculinity and Anti-Feminism as Bridging Narratives within Group Radicalization. **International Journal of Conflict and Violence (IJCV)**, v. 14, n. 2, p. 1–19, 2020. <https://doi.org/10.4119/IJCV-3805>

MIGUEL, Luiz Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, Esther (Ed.). **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MILLER-IDRISS, Cynthia. Youth and the radical right. In: RYDGREN, Jens (Ed.). **The Oxford handbook of the radical right**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 348-365.

MORAES, Patrícia Maccarini. et al. Familismo e política social: aproximações com as bases da formação sócio-histórica brasileira. **Revista de Políticas Públicas da UFMA**, v. 24, p. 802-818, 2020.

MUDDE, Cas. (Ed.). **The Populist Radical Right: A Reader** (1st ed.). Londres: Routledge, 2016.

MUDDE, Cas. Fighting the system? Populist radical right parties and party system change. **Party Politics**, v. 20, n. 2, p. 217–226, 2014.

MUDDE, Cas. **Populism: A very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

NETTO, Michel Nicolau; CAVALCANTE, Sávio Machado; CHAGURI, Mariana Miggiolaro. O homem médio e o conservadorismo liberal no Brasil contemporâneo: o lugar da família. **Anais do 43º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu**, 2019.

PASIEKA, Agnieszka. 'Tomorrow belongs to us ': Pathways to Activism in Italian Far-Right Youth Communities. **Comparative Studies in Society and History**, v. 64, n. 1, p. 150-178, 2022.

PASIEKA, Agnieszka. National, European, Transnational: Far-Right Activism in the Twentieth and Twenty-first Centuries. **Societies and Cultures**, v. 35, p. 863–875, 2021.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). **Varia historia**, v. 31, p. 863-902, 2015.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana et al. **Brasil em transe: Bolsonaroismo, nova direita e desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

PINWINKLER, Alexander. Volk, Bevölkerung, Rasse, and Raum: Erich Keyser's Ambiguous Concept of a German History of Population, ca. 1918-1955. In: **German Scholars and Ethnic Cleansing 1920-1945**. Berghahn Books, 2004. p. 86-99.

RIERA, Pedro; PASTOR, Marco. Cordons sanitaires or tainted coalitions? The electoral consequences of populist participation in government. **Party Politics**, v. 28, n. 5, p. 889-902, 2022.

ROCHA, Camila. **'Menos Marx, mais Mises'**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

ROGERS, Everett; SEBALD, Hans. A Distinction between Familism, Family Integration, and Kinship Orientation. **Marriage and Family Living**, Vol. 24, No. 1, 1962.

ROSENTHAL, Gabriele. Biographical research. In: Seale, Clive, Gubrium, Jaber e Silverman, David. **Qualitative research practice**, Londres: Sage, 2004.

SABOGAL, Fabio et al. Hispanic familism and acculturation: What changes and what doesn't?. **Hispanic journal of behavioral sciences**, v. 9, n. 4, p. 397-412, 1987.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. Em DA SILVA JUNIOR, Nelson; SAFATLE, Vladimir; Dunker, CHRISTIAN. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-46, 2021.

SALLES, Leonardo Gaspar. **Nova direita ou velha direita com wi-fi?**: uma interpretação das articulações da "direita" na internet brasileira. Dissertação de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

SEVERO, Ricardo Gonçalves; WELLER, Wivian; ARAÚJO, Gabrielle Caseira. Jovens de direita e extrema-direita: posicionamentos políticos no ensino médio. **Linhas Críticas**, v. 27, p. e36319-e36319, 2021.

SILVA, Ivan Henrique de Mattos. “LIBERAL NA ECONOMIA E CONSERVADOR NOS COSTUMES” Uma totalidade dialética. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, p. e3610702, 2021

STEFANONI, Pablo. **¿La rebeldía se volvió de derecha?:** Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2021.

TAGUIEFF, P. A. La rhétorique du national-populisme. **Mots. Les langages du politique**, v. 9, n. 1, p. 113-139, 1984.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WAHL, Klaus. **The radical right:** Biopsychosocial roots and international variations. Cham: Palgrave Macmillan, 2020.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. **Estudos Avançados**, v. 34, p. 391-408, 2020.

WENDY, B. **In the Ruins of Neoliberalism:** The Rise of Antidemocratic Politics in the West. Nova York: Columbia University Press, 2019.